

DEPÓSITO LEGAL  
21 JAN 1967

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PROPRIEDADE DA SOC. NACIONAL DE TIPOGRAFIA

1966  
26 de Dezembro

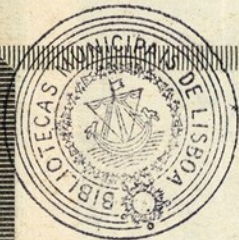
Director: Guilherme Pereira da Rosa  
Editor: José Redondo Júnior

Redacção, administração e oficinas  
Rua do Século, 41 a 63 — LISBOA

NÚMERO 1027  
ANO 60.º

TELEFONE 362751 — LISBOA ★ A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

PREÇO AVULSO — 1 ESCUDO



# A GUITARRA SALVOU A VIDA A ADAMO

**P**ELA segunda vez na vida, miraculosamente, Adamo acaba de escapar à morte.

Ninguém esqueceu, ainda, o terrível acidente que, a 6 de Abril do ano passado, na estrada de Poitiers, quase lhe custou a vida.

O seu carro, um Alfa-Romeo, fora atingido por um outro que fazia uma ultrapassagem numa lombada da estrada. Adamo sofreu apenas fractura do maxilar.

Agora, novamente, na semana passada, um milagre lhe aconteceu.

Foi o próprio Salvatore Adamo, quem nos contou como se passaram as coisas.

— Regressava de Angers e dirigia-me a Bruay-en-Artois, via Paris. Freddo, meu primo e secretário, seguia ao volante do meu Mercedes 220. Ia sentado ao lado dele a ouvir discos no meu

mos a dez quilómetros de Paris, na auto-estrada de Oeste, quando, bruscamente, perante nós, um 404, começou a fazer ziguezagues.

Atrás dele, seguia um Aronde. O condutor travou desesperadamente. «Nós seguíamos a 140 quilómetros à hora. A colisão era inevitável e eu imediatamente me

apercebi do que ia acontecer.

## Milagre

«Fechei os olhos e, no mesmo momento, num relâmpago, lembrei-me do telefonema que minha mãe me tinha feito para Angers.»

— Sê prudente — disseram-me ela. — Sonhei que te ia acontecer alguma coisa.

«Pensei: ora aí está o que me vai acontecer: vou morrer...»

«E, depois disso, não me lembro de mais nada.»

Quando recuperou os sentidos, Adamo estava sentado no mesmo lugar, no carro meio voltado, a alguns metros de um paredão de cimento.

(Continua na página seguinte)

# ADAMO

(Continuado da pág. anterior)

Tudo lhe dóia, mas estava indemne, assim como o seu condutor.

— Esse é que foi o milagre — disse-nos Adamo.

«O meu condutor agarrou-se ao volante no momento do acidente. Quanto a mim, devo ter sido projectado contra o pára-brisas e o «tablier». A 140 à hora, o menos que me podia acontecer era esmagar a cabeça. Nem sequer levava cinto de segurança.

## Derrapagem fantástica

«O que me salvou foi a guitarra.» Adamo mostra-nos a guitarra toda despedaçada como depois de um caclismo.

— Levava-a nos joelhos — disse-nos. — No momento do choque foi projectada, como eu, contra o «tablier».

«Assim, a minha cabeça, em vez de se esmagar contra o vidro, despedaçou apenas a guitarra, que me serviu de almofada protectora.

«A sorte estava comigo, o que, aliás, não me espanta. É que tinha ao pescoço a cruz-feitiço, que meu pai me ofereceu certo dia. A mesma que levava quando do meu acidente de Abril.»

**Na verdade, neste acidente extraordinário, aconteceu algo de miraculoso: os reflexos do condutor do carro que precedia o Mercedes de Adamo.**

Christian Nessani, que ia ao volante do Aronde, travou desesperadamente para evitar o 404, sem rumo, quando pelo retrovisor viu chegar o Mercedes.

Rapidamente compreendeu que se continuasse a travar, o Mercedes se esmagaria contra ele.

## Bons reflexos

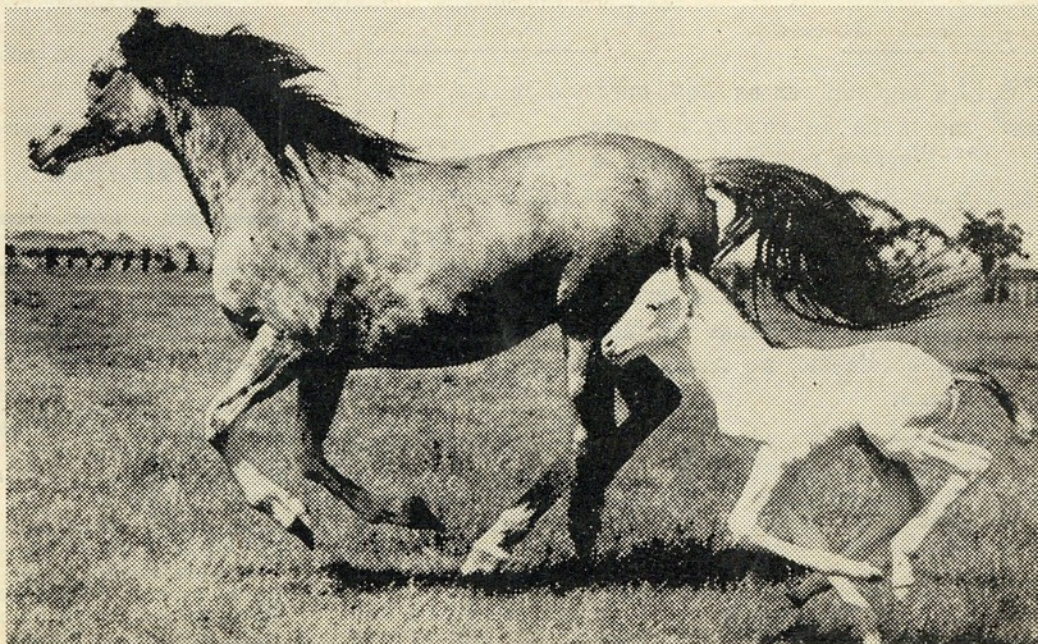
Teria sido uma carambola terrível. Então, deixou os travões e carregou no acelerador, preferindo empurrar o 404 que lhe estava à frente. Teve razão.

Nos três carros não houve o único ferido, mas as carroçarias ficaram profundamente danificadas.

Sim, na verdade, Adamo só por milagre escapou à morte.



ADAMO MOSTRA A CRUZ QUE SUPÔE TER-LHE SALVO A VIDA



AQUI TEMOS UM CAVALICOQUE BRANCO MUITO RARO NO MUNDO: TEM UM OLHO CLARO, E É COR-DE-ROSA O OUTRO... SEM DÚVIDA — UM FENÓMENO! NASCEU O ANIMAL, MUITO ELEGANTE JÁ EM MELBOURNE, AUSTRÁLIA.



ROSALEEN

# Primeiro amor de CARLOS DE INGLATERRA UM JOVEM MANEQUIM

**D**UAS famílias puseram-se de acordo para romper — a tempo ainda... — com um idílio entre dois jovens. De um lado, temos a família de um major inglês na reserva, herói da campanha da Etiópia. Do outro lado, temos a família real de Inglaterra. As duas famílias terminaram com o romance de amor entre o príncipe herdeiro, Carlos de Inglaterra, e Rosaleen, manequim de 18 anos.

Sabe-se de fonte limpa que a jovem abandonará brevemente Londres para efectuar uma viagem à volta do Mundo por tempo indeterminado. Esta partida súbita é interpretada em Inglaterra como uma decisão extrema para separar os dois jovens que, mau grado os conselhos dos respectivos progenitores, continuavam a trocar cartas entre si

## ● Tudo começou num baile...

A moça por quem Carlos se apaixonou chama-se Rosaleen Bagge. Exerce a profissão de manequim no «atelier» de Leslie Raymond, nas proximidades de Mayfair.

Muitos curiosos tentaram já avistar-se com Rosaleen — e, como é óbvio, os jornalistas não faltaram...

Ela a quase todos diz a mesma coisa:

— Não posso fazer qualquer comentário.

Um seu irmão, de nome John, é mesmo rude para quem interroga a irmã sobre o seu romance de amor:

— Metam-se na sua vida!

Uns meses atrás, no entanto, John dizia:

— O príncipe Carlos é um amigo.

Quanto a Rosaleen, em Maio último, revelou efectivamente ao «Daily Express» que mantinha com Carlos uma correspondência amistosa. O príncipe encontrava-se, então, no Colégio de Tumberlop, na Austrália.

— Tudo começou — revelou a moça — durante um baile efectuado em Norfolk, no começo do ano. O príncipe encontrava-se num canto, sozinho. Mostrava-se tímido e infeliz... Convidei-o, então, para dançar. Depois, quando separados, resolvemos trocar correspondência.

## ● «O príncipe estava triste...»

— Estava o príncipe triste — continuou a revelar Rosaleen — porque, dias mais

tarde, deveria partir para a Austrália. Pediu-me, então, que lhe escrevesse, dado que não se podia relacionar com raparigas a exemplo dos rapazes da sua idade. Aceitei imediatamente, talvez por piedade... Confesso, aliás, que sentia grande prazer em receber as suas cartas.

Estas declarações não provocaram qualquer reacção em Buckingham Palace. Os pais de Carlos, todavia, aconselharam-no a ser sóbrio na correspondência. A terminá-la mesmo...

Quando Carlos regressou a Inglaterra e deu entrada no Colégio de Gordonstown, em Setembro último, a correspondência ainda se mantinha.

Para que a correspondência não fosse interceptada, o príncipe deslocava-se à posta restante de Elgin, a vinte quilómetros do Colégio, utilizando uma bicicleta. Rosa-

(Continua na página seguinte)

# Primeiro amor de **CARLOS**

## **DE** **INGLATERRA** **UM JOVEM** **MANEQUIM**

*(Continuado da pág. anterior)*

leen punha como remetente um nome masculino...

Mas a astúcia do príncipe herdeiro acabou por ser descoberta — e a rainha apoderou-se de cartas de Rosaleen e enviou-as a seus pais...

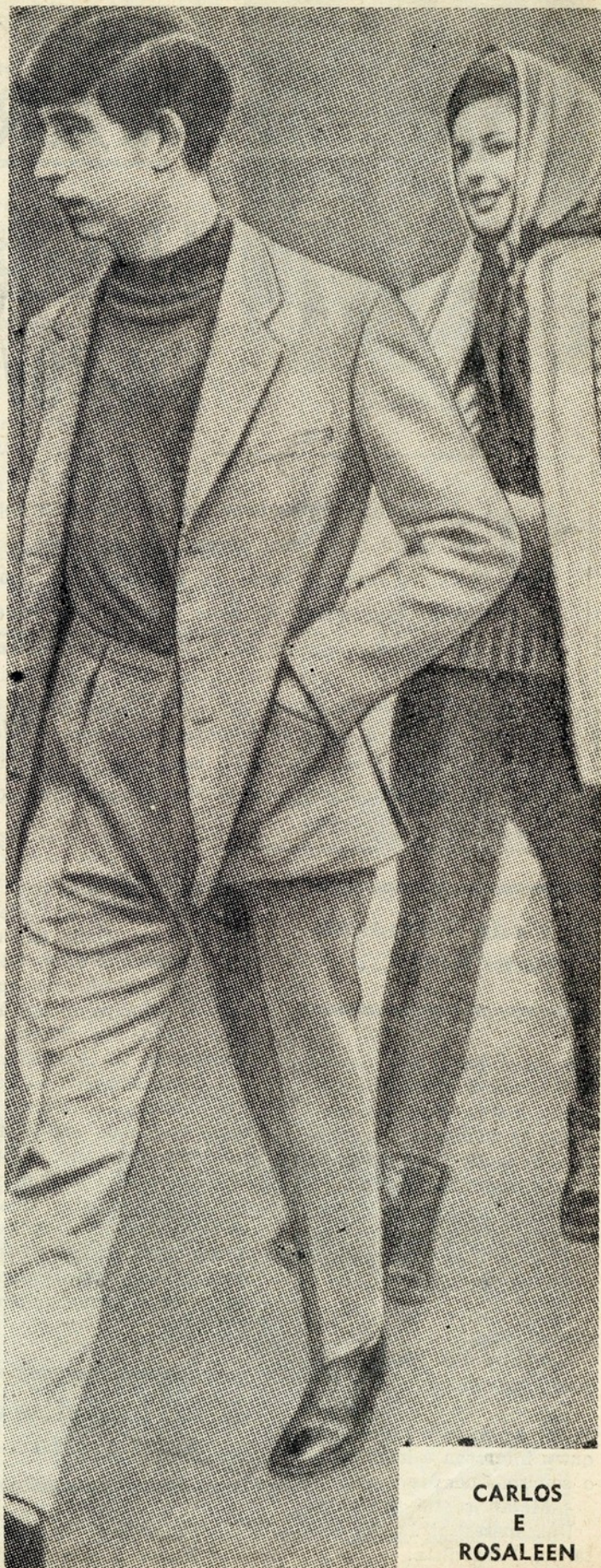
### ● **Dois jovens tristes**

O pai de Rosaleen foi imediatamente convocado a comparecer em Buckingham Palace. Pediu-lhe Isabel que, com toda a sua autoridade, levasse a filha a terminar com o idílio...

A correspondência — disse a soberana — entre os dois jovens tem de terminar. Deve terminar. Deve terminar para bem dos dois jovens...

Surgiu, depois de semelhante conversa, a viagem de Rosaleen à volta do Mundo.

Em suma — dois jovens tristes: Carlos não pode amar quem quer, Rosaleen terá de escolher outro amor...



**CARLOS  
E  
ROSALEEN**

# QUE FARIA SE O MUNDO ACABASSE?

Um repórter americano fez esta pergunta a inúmeras pessoas e recebeu respostas sensacionais — As reacções humanas são completamente distintas

**O**S cientistas já várias vezes falaram do perigo de uma rápida destruição do Mundo. Os leigos ouvem isto com grande indiferença. O que havemos de fazer? Os únicos que poderiam deter ou adiar a realização da profecia são os próprios cientistas. Os outros são impotentes perante as máquinas destruidoras e esperam que nada venha a suceder. Os que duvidam e os optimistas indicam, com certa razão, todas as ameaças feitas já nos séculos passados e que nunca se realizaram.

Na Idade Média tratava-se de indicações dos astrólogos ou de achados em documentos amarelados que previam o prazo de uma grande catástrofe mundial. Mais tarde os cientistas começaram a ocupar-se com o caso. Falou-se do choque de um cometa com a terra, da aproximação de Marte. E agora são as diversas bombas que provocam o pânico.

Não vale a pena aborrecermos-nos quando se ler no jornal da manhã ou ao ouvir no rádio que os nossos dias estão contados e que nos devemos

preparar lentamente para o fim. O repórter americano Jack S. Smith deu-se ao trabalho de fazer um inquérito entre os habitantes de Nova Iorque, para ver como pensa o homem da rua. Preocupavam-se com a pergunta sobre a próxima destruição do Mundo ou não? A sua pergunta era sempre a mesma: «O que faria se soubesse que o Mundo ia acabar?»

Não foi uma missão fácil, esta a que ele se propôs. Segundo confessou mais tarde, era mais fácil ter falado de qualquer coisa diferente, pois a maior par-

te das pessoas olhara para ele com um sorriso trocista e não lhe dera resposta. Certamente consideraram-no louco ou então algum enviado de qualquer grupo que quisesse lançar a inquietação. Se com um inquérito anterior: «Incomoda-o a barba do actor de cinema Gregory Peck?» obteve mais de 80% de respostas, este número desce consideravelmente para 32% neste inquérito. Isto quer dizer, portanto, que apenas um terço das pessoas interrogadas acharam necessário responder àquela pergunta curiosa. Mas vejamos algumas das respostas, que na sua maioria não foram dignas de interesse.

Uma mãe, de 4 filhos, de 35 anos, riu tanto que o repórter teve de lhe fazer a pergunta várias vezes. A mulher retorquiu: «Há milhares de anos que nós mulheres temos filhos e depois os nossos filhos têm filhos. E hoje de repente você diz-me que esta cadeia vai ser interrompida. Isso é uma brincadeira! Recuso-me a tomar isso a sério. Se um cientista inventasse um canhão potentíssimo logo outro descobriria um aço, atrás do qual estivessemos protegidos. E será sempre assim, enquanto nós mulheres tivermos filhos. Só quando nós os deixarmos de ter, então... então vejo o futuro sombrio. Mas no que me diz respeito a mim e às minhas amigas, não vejo que possa haver esse perigo. Ou tem ouvido dizer alguma coisa em contrário?» O repórter riu. Não, não tinha conhecimento de ne-

(Continua na página seguinte)

# O QUE FARIA SE O MUNDO ACABASSE?

(Continuado da pág. anterior)

nhuma descida do índice de natalidade, com base nas experiências com a força atômica.

Um reformado de 65 anos que estava sentado ao sol num dos bancos do Central Park não considerou superficial a pergunta que lhe foi dirigida repentinamente: «Passei toda a vida com receio e habituei-me a pensar no que faria realmente se essa tragédia se desse inesperadamente. Na minha juventude, assustavam-nos com a invasão amarela, ou com qualquer coisa terrível que tornava tormentosos os nossos sonhos. Espera que comecem amanhã os exames e aí de ti se não passas! Aí de ti se não consegues um bom emprego! Aí de ti se fores despedido! Aí de ti se não pagares as dívidas! Aí de ti se vem a guerra! Aí de ti, se fores mandado para a frente de batalha! Aí de ti... aí de ti... sempre a mesma coisa: aí de ti! Assim começa-se a pensar no que se faria se no dia seguinte a moeda se desvalorizasse, se de repente se adoecesse gravemente, se se tivesse um desastre de automóvel, se não se soubesse como pagar a renda da casa... e então reflecte-se a tempo sobre o que se faria se isto acontecesse. E por isso acho interessante a sua pergunta que já me causou algumas dores de cabeça. Possivelmente faria tudo para evitar que a minha mulher tivesse conhecimento dessa hora de susto. Convidá-la-ia para dar um passeio no parque, faria com que não lesse os jornais, que não falasse com ninguém. A minha mulher sofre muito do coração, portanto tinha de a poupar. Mas apesar disso... consideraria como meu dever tornar-lhe as últimas horas muito agradáveis. Faria com ela uma viagem ao Canadá para vermos a nossa filha e alegrarmo-nos com os preparativos da viagem.»

Uma secretária de 20 anos, olhou-o espantada. Não estava bem certa se o repórter apenas

queria começar uma conversa ou se falava a sério: «Você é da Imprensa? Então deve saber tudo muito melhor do que nós que não temos tempo para quebrarmos a cabeça com essas coisas. De resto aqui entre nós: acha possível que uma bela manhã possamos ler no jornal: A partir de amanhã às 10 horas e 27 m. e 12 segundos acaba-se tudo... mesmo nós!?»

O repórter fez um rosto sério e disse: «Sim!»

A secretária ficou visivelmente impressionada. Teria havido

alguma coisa de novo neste aspecto?

«Não, não há nada de especial. Vejamos... o que faria?»

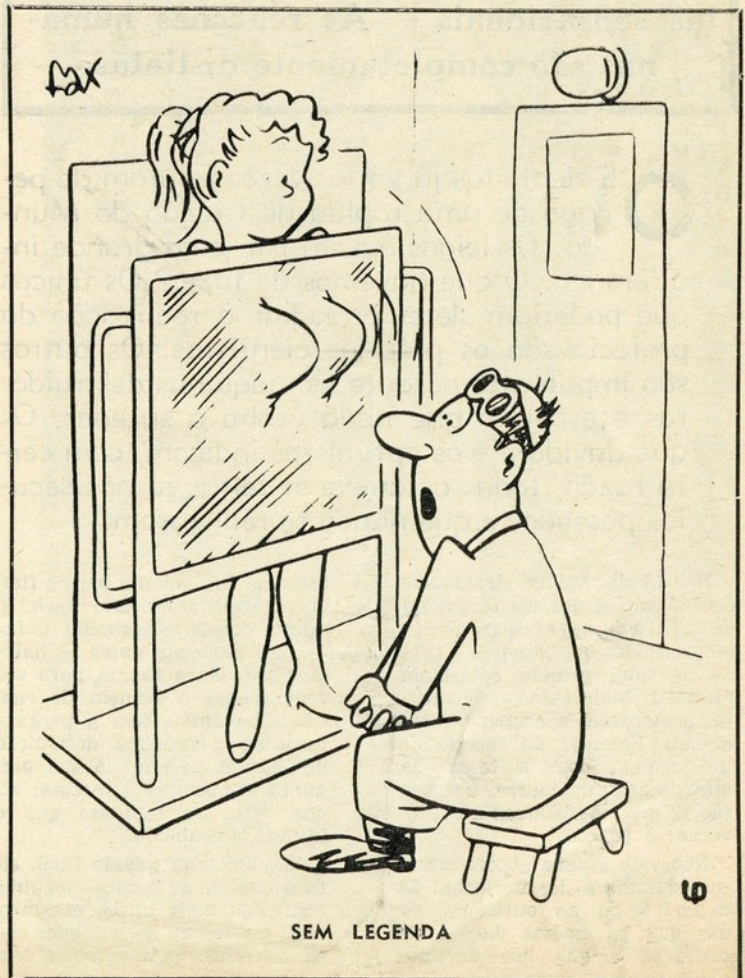
«Tem tempo para me dispensar?» — perguntou ela e olhou-o de modo estranho.

«Tenho, portanto suponhamos que vamos passar as nossas últimas horas de vida juntos... O que espera de mim como seu companheiro?»

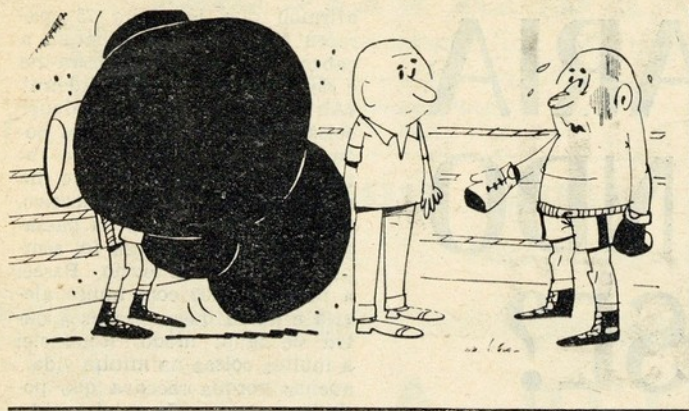
«Gostava de ir dançar e beber, e estar descontraída como se festejasse o meu casamento. Sobretudo não dormiria um segundo... apenas dançar... dançar... Não gosta de dançar? Vou deixá-lo, pois não tenho mais tempo. Estou com pressa. E para si também é melhor. E quanto a mim continuaria a dançar — ligaria o telefone ou um gramofone com o meu disco preferido... e dançaria, dançaria, dançaria... até ao fim.»

Um negociante de mais de 50 anos já se tinha ocupado com o problema. «Todas as vezes que ouço falar numa destruição da Terra penso como é um disparate ir pagar os impostos! Logo

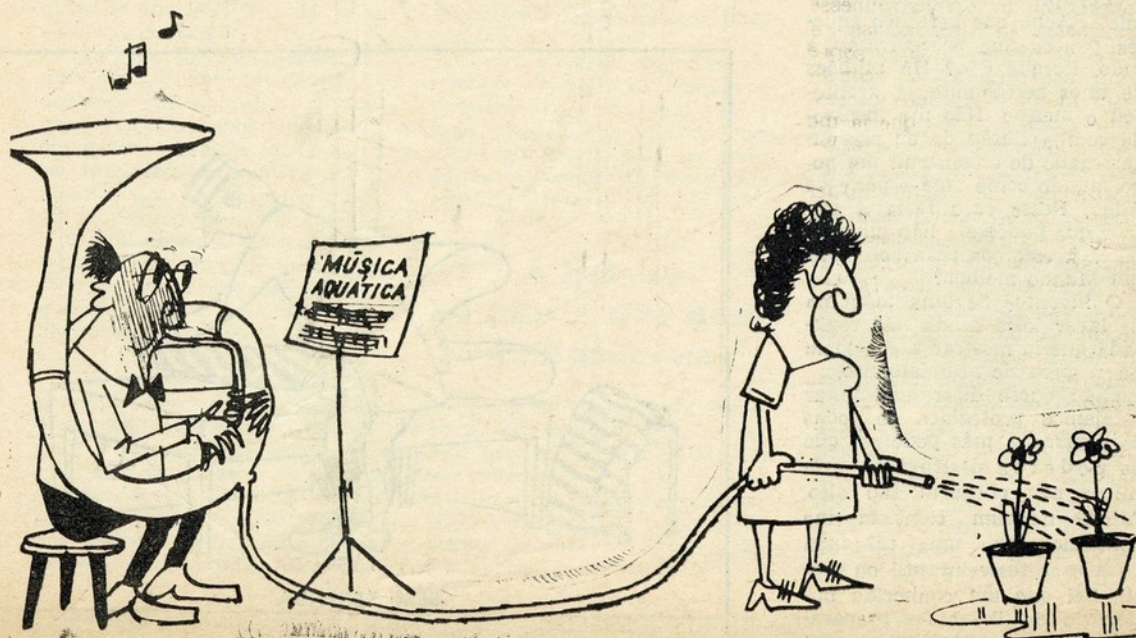
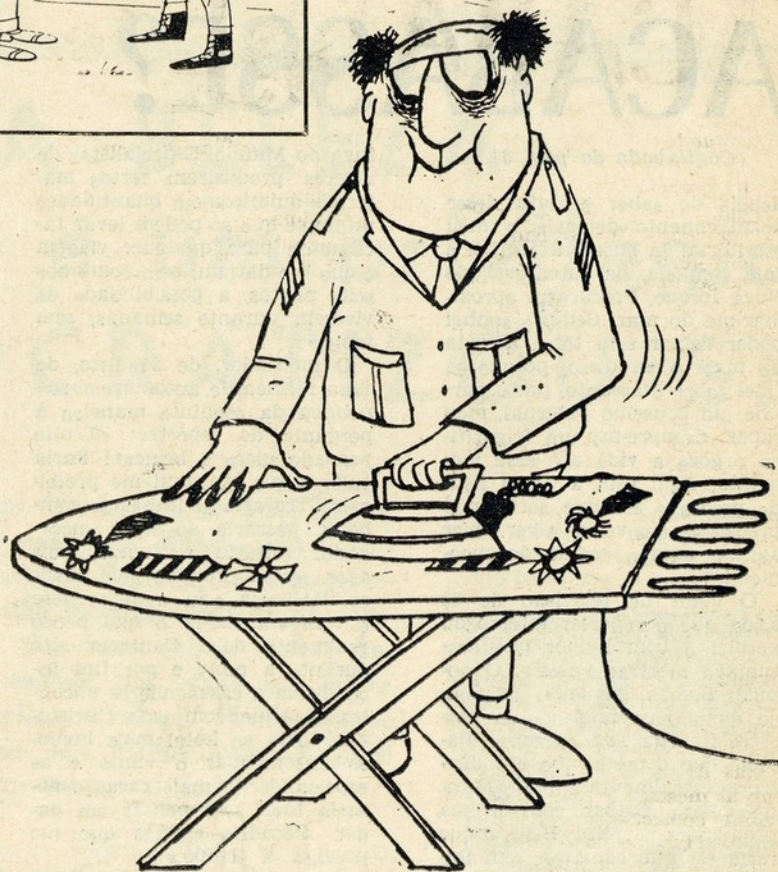
(Continua na pág. 8)



SEM LEGENDA



# HUMOR SEM PALA- VRAS



# O QUE FARIA SE O MUNDO ACABASSE?

(Continuado da pág. 6)

depois de saber a data desse acontecimento deixaria o meu escritório! Ia buscar a família e saía com ela, de automóvel, de Nova Iorque. Procuraria aproximar-me do mar. Sempre sonhei poder deixar esta terra à vista do mar. Além disso, porque já falei sobre o assunto, posso dar-lhe um conselho paternal, meu rapaz. Compre-me um frigorífico e goze a vida até esse momento. Aqui está a nossa lista de preços e se tiver sorte, não precisa de nos voltar a ver. Quer assinar aqui o pedido de encomenda?»

O actor de televisão de 32 anos, que o repórter interrogou perdeu o bom humor que costumava mostrar sempre. O popular homem gaguejou um pouco quando ouviu falar no possível fim da sua carreira. Parecia que o perigo lhe era dirigido pessoalmente e que o Mundo queria acabar com a sua promissora carreira. Bem, o que faria ele sem câmaras, sem iluminação, sem programa e sem público... nas últimas horas?

«Por profissão sou um optimista. Acho que pertencço àqueles poucos que sobreviverão a tudo. Porque não? Há milhões de anos certamente já aconteceu o mesmo. Não me incomode com a ilusão de eu ser encarregado de reconstruir um novo mundo como uma espécie de Adão. Nesse caso faria o melhor que pudesse e não me pouparia a esforços para conseguir um Mundo melhor?»

O inventor de uma máquina de lavar loiça ainda não registada queria mostrar a sua ideia na véspera do afundamento.

«Não quero dizer que no ar estamos protegidos de todas as desgraças, mas pode ser que os poderes destruidores atómicos não cheguem tão alto. Ainda nenhum cientista me confirmou que uma tal fuga para o ar fosse infantil ou inútil. Sei que um conhecido milionário do Texas fez preparativos extravagantes para uma

fuga do Mundo. Especialistas de viveres produziram certos materiais químicos em quantidades mínimas que se podem levar facilmente para qualquer viagem e que lhe dariam, bem como aos seus pilotos, a possibilidade de viverem durante semanas, sem fome.»

O montador, de 24 anos, de uma fábrica de automóveis, respondeu da seguinte maneira à pergunta do repórter: «Tenho pensado nisso a brincar! Faria tudo o que até aqui me proibiram! Trocaria as linhas de comboios, passaria ao sinal encarnado, voltaria a fumar, pois agora estou proibido pelo médico. Ralharia com o meu chefe e confessar-lhe-ia o que penso realmente dele. Cantaria alto durante a noite e por fim incendiaria a casa onde se encontrasse Anne com esse Christopher. Iria ao hotel mais luxuoso encomendar o vinho e as especialidades mais caras e gozaria tudo sem pensar em pagar. Peça-lhe apenas que me previna a tempo.»

Uma senhora idosa que disse ter 70 anos, mas cuja criada

afirmou que já tinha 75, pareceu ficar excitada. Abanou a cabeça, as mãos tremeram-lhe e deixou-se cair numa cadeira: «Ah! quer dizer que há qualquer coisa... que haverá... ou que pode haver. Isso seria muito interessante. Realmente vivo há anos com um único objectivo. Quero chegar à noite da passagem do ano 2000. Essa foi sempre a minha ambição. Passei a noite de 1900 com muita alegria e agora quero passar a outra de igual modo. Renunciei a muitas coisas na minha vida... apenas porque receava que poderiam encurtar a minha vida. Sei que para isso terei de alcançar uma idade muito avançada, mas porque não há-de surgir pilulas de rejuvenescimento? E se o Mundo não chegar ao ano 2000, tenho de confessar que vale a pena assistir a um fenómeno desses na História do Mundo. Não pense que sou cínica ou que não tenho religião, mas foi você que me fez dizer estas coisas. Sim, gostava de viver muito tempo para assistir ao fim de tudo. Iria para a Broadway a fim de assistir a tudo o que fosse importante!»

Mas a resposta mais alegre deu-a a vendedeira de fruta de 40 anos, com sotaque espanhol: «Ah! sei muito bem o que faria nessas horas. Iria buscar o meu Camilo à fábrica sem lhe dizer o que tinha sabido. Passaria com ele em frente de uma conservatória do registo civil e obrigá-lo-ia a casar comigo. Seria a minha maior alegria! Ele pensaria que ficava preso por toda a vida... Como eu gozaria com esse tormento! Sómente teria pena que tudo acabasse no dia seguinte!»



SEM LEGENDA